



A música popular como um campo de trabalho produtivo ao capital: um estudo (em andamento) com músicos atuantes na cidade do Rio de Janeiro

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Luciana Requião

Universidade Federal Fluminense - lucianarequiao@id.uff.br

Resumo: O trabalho constitui-se em um estudo realizado em dois momentos distintos: por meio da observação participante em casas de shows localizadas na região da Lapa/RJ e de pesquisa tipo *survey* com músicos associados ao Sindicato dos Músicos do Estado do RJ. Através dessas etapas busca-se compreender e discutir as relações sociais de produção da música, em especial a popular. A opção teórico-metodológica da pesquisa é o materialismo histórico, através do método da crítica da economia política. Nesse contexto, é possível evidenciar a produção musical como um setor imerso nos processos gerais da produção capitalista, cujas determinações históricas vão moldando e adequando seus processos e suas relações de trabalho às necessidades capitalistas de produção e geração de lucro, configurando-se o trabalho do músico como um trabalho produtivo ao capital.

Palavras-chave: Música popular. Trabalho produtivo. Materialismo histórico.

The Popular Music as a Productive Work Field to the Capital: a Study (in progress) with Active Musicians in the City of Rio de Janeiro)

Abstract: The work consists of a study accomplished in two distinct moments: by participant observation in show houses located in the region of Lapa, Rio de Janeiro, and by survey research with Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro's associated musicians. It is sought to understand and discuss the social relations of music production, the popular music in particular, through these steps. The theoretical and methodological option of this research is the historical materialism, through the method of criticism and political economy. In this context, it is possible to realize musical production as an immerse sector in the general processes of capitalist production, whose historical determinations mold and suit its processes and its employment relations to the capitalist production needs and profit generation, setting the musicians works as productive to the capital.

Keywords: Popular Music. Productive Work. Historical Materialism.

1. Introdução: estudos preliminares

O presente trabalho é parte da pesquisa intitulada “Mundo do Trabalho, Música e Cultura no Capitalismo Tardio: um estudo com músicos do Estado do Rio de Janeiro”, que vem sendo desenvolvida junto ao Grupo de Estudos em Cultura, Trabalho e Educação – GECULTE, da Universidade Federal Fluminense. A temática proposta foi tratada pela pesquisadora, inicialmente, em estudo de doutorado concluído em março de 2008. A tese, intitulada “*Eis aí a Lapa...: processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa*” (REQUIÃO, 2010), tratou de investigar as formas como o capital busca sua valorização através da exploração da força de trabalho de músicos atuantes em casas de shows do Rio de Janeiro. O “nicho” de mercado observado foi a região da Lapa e suas casas de shows, que naquele momento se mostrava como um mercado em ascensão para a compra e

venda de serviços que combinava música ao vivo e serviço de bar. Ali se constatou a atuação do músico como um trabalhador coletivo.

Conforme Marx, o trabalho configura-se em trabalho coletivo quando “a sua atividade combinada realiza-se materialmente e de maneira direta num produto total” (MARX, 1975: 94). Nesse sentido, observamos que o trabalho do músico associado ao dos garçons, dos cozinheiros e de todo o *staff* necessário à realização do serviço oferecido age como um instrumento de valorização do capital, de criação de mais valia, “o processo de trabalho subsumi-se no capital (é o processo do próprio capital), e o capitalista entra nele como dirigente, guia” (idem: 73).

Buscou-se ainda desconstruir a ideia de que o trabalho do músico assemelha-se ao da cigarra - como na fábula de La Fontaine - que se diverte ao tocar sua guitarra enquanto as formigas, essas sim, realizam o trabalho duro e pouco prazeroso, porém, produtivo. Entendendo que o trabalho do músico é absorvido pelo capital como o de qualquer outro setor, a tese se constituiu em um estudo que procurou articular os processos gerais da produção capitalista ao trabalho específico do músico no capitalismo tardio. Tendo como objetivo geral analisar, discutir e compreender os atuais processos e relações de trabalho deste setor, em específico o trabalho do músico em apresentações ao vivo, procurou-se demonstrar que os processos de produção da música não são processos autônomos e que para compreendê-los se faz necessária uma análise do contexto sócio, político, econômico e cultural onde estão inseridos, ou seja, da totalidade social. Como resultado desse estudo, se pôde evidenciar a produção musical como um setor imerso nos processos gerais da produção capitalista, cujas determinações históricas vão moldando e adequando seus processos e suas relações de trabalho às necessidades capitalistas de produção e geração de lucro (REQUIÃO, 2010).

Entre outras questões, o estudo promoveu um debate acerca de um setor da economia que vem se mostrando em acelerado desenvolvimento, que é a chamada Economia da Cultura ou Indústria Criativa. Apesar de ainda pouco aprofundadas hoje já contamos com pesquisas que ressaltam a importância da movimentação econômica que o setor cultural produz, e a potencialidade da cultura como um “fator de desenvolvimento econômico”. Segundo o documento produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2003, intitulado “Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura”, desde os anos 1980 vem se buscando definir o campo de abrangência do setor cultural para que se possam levantar dados com o objetivo de desenvolver políticas culturais “como chave da estratégia de desenvolvimento”

(UNESCO, 2003: 14). Segundo o relatório, tais informações revelam que a cultura tem significado econômico e que é hoje “um dos setores de mais rápido crescimento nas economias pós-industriais” (Idem: 15).

Em nosso estudo pudemos observar que, transformado em mercadoria, o produto cultural vem se desenvolvendo de acordo com as mudanças no modo de produção e se moldando aos hábitos de consumo. Nesse sentido, não cabe entender a produção cultural e artística como uma forma de produção autônoma, mas compreender que o que vem alimentando e, muitas vezes, possibilitando a produção artística e cultural é a indústria, movida por sua necessidade de acúmulo de capital.

A temática da pesquisa – Mundo do Trabalho, Música e Cultura no Capitalismo Tardio: um estudo com músicos do Estado do Rio de Janeiro – se situa na confluência dos campos da sociologia do trabalho e da economia da cultura. Como um de nossos objetivos está o estudo acerca das políticas públicas brasileiras dos últimos cinco anos para a área da cultura – incluindo aí as diretrizes da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) e da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) – e a realização de pesquisa tipo *survey* junto a músicos profissionais, essa última com o intuito de compreender sua situação enquanto classe trabalhadora e melhor compreender a realidade em que vivem e trabalham.

O presente trabalho apresenta, ainda que de forma sucinta, as bases de uma nova etapa de nossa pesquisa, através da qual buscamos articular as análises já realizadas com novos dados obtidos junto a músicos vinculados ao Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro, que hoje conta com 3.255 cadastros ativos. Tomamos como referência o “Questionário de 1880”, desenvolvido por Karl Marx (1880) com o objetivo investigar a situação da classe operária na França. O autor alemão organizou o questionário em quatro seções e 100 perguntas, que buscam trazer subsídios para a compreensão do aumento da produtividade do capital através da ampliação de sua capacidade de produção, e, conseqüentemente, da crescente exploração da força de trabalho dos operários naquela ocasião.

Através da adaptação desse questionário, com cerca de 50 questões elaboradas até o momento, o intuito é o de buscar subsídios para a compreensão da realidade do trabalho do músico – em geral informal e precarizado – frente aos números apresentados pelas estatísticas oficiais, como por exemplo, o “Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil” (FIRJAN, 2014) que aponta para os dados promissores desse setor para a economia brasileira.

Segundo o relatório da FIRJAN, publicado em dezembro de 2014, a média salarial nacional do músico, com destaque para intérpretes e instrumentistas, é de R\$ 2.216,00, sendo que o Rio de Janeiro seria o segundo melhor no ranking salarial com a média de R\$ 3.111,00. Os números mostram que na Indústria Criativa – compreendida pelos setores de Tecnologia, Mídias, Cultura (dividida pelas áreas de Expressões Culturais, Patrimônio e Artes, Música e Artes Cênicas) e Consumo – a área da Cultura é a menor em termos de trabalhos formais, mas que a área da música teve um avanço de mais de 60,4% entre os anos de 2004 e 2013, além de valorização salarial. No Brasil foram contabilizados 12.022 profissionais atuantes (em emprego formal) nos diversos segmentos da Indústria Criativa, sendo 1.022 atuantes no estado do Rio de Janeiro. A música está, no Brasil, entre as 10 profissões mais numerosas (4º lugar para intérpretes e instrumentistas e 7º lugar para regentes) e ocupa o 7º lugar no ranking das 10 profissões mais bem remuneradas dentre os setores da Indústria Criativa no Brasil.

Em pesquisas anteriores, como a mencionada, foi possível constatar que ao lado do crescimento dos investimentos na Indústria Criativa está o trabalho cada vez mais precarizado daqueles que trabalham na ponta da cadeia produtiva. No caso investigado estão os músicos, que em sua maioria não fazem parte de estatísticas como a apresentada acima por trabalhar na informalidade. Essa informalidade não nos parece casual, mas uma das estratégias do capital em busca de sua valorização.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

A opção teórico-metodológica desta pesquisa é o materialismo histórico, através do método da crítica da economia política. Conforme Marx,

Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relação de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência (MARX, 1978:129-130).

E conforme esclarece Kosik,

A dialética da totalidade concreta não é um método que pretenda ingenuamente conhecer todos os aspectos da realidade, sem exceções, e oferecer um quadro “total” da realidade, na infinidade dos seus aspectos e propriedades; é uma teoria da realidade e do conhecimento que dela se tem como realidade (KOSIK, 2002:44).

Para se pensar o papel da cultura em nossa sociedade, não como uma mercadoria ou um nicho de mercado, mas como necessária e inseparável da formação humana, tomamos como horizonte a proposta do materialismo cultural de Raymond Williams (1969). Segundo os estudos de Cevasco, Williams apresenta a proposta de um materialismo cultural, “levando às últimas consequências o legado de Marx de pensar a cultura como uma atividade material da sociedade” (CEVASCO, 2003:109). Segundo a autora, “a questão é pensar uma teoria materialista da cultura que leve em conta seu papel social e contribua para a construção de uma alternativa de sociedade mais justa e igualitária” (Idem: 111). Nesse sentido a cultura é um processo de produção e não somente de reprodução de significados e valores.

Assim, falar de cultura, antes de tudo, é falar de vida social. Isso quer dizer que enquanto as condições de vida social não forem minimamente satisfeitas, uma ação cultural estrita não terá efeito. Ou seja, para que uma ação cultural se efetive é necessário um conjunto de ações que viabilize a vida social do sujeito.

De acordo com essa ideia comenta Eagleton:

Só por meio de uma democracia plenamente participativa, inclusive uma que regule a produção material, poderiam ser abertos plenamente os canais de acesso para dar vazão a essa diversidade cultural. Estabelecer um pluralismo cultural genuíno, em resumo, exige ação socialista combinada. É precisamente isso que o culturalismo contemporâneo falha em perceber (EAGLETON, 2005:172-193).

O Materialismo Cultural de Williams nos impulsiona na busca por compreender os significados da cultura hoje, e a forma como essa noção vem sendo apresentada, particularmente, nas políticas públicas culturais brasileiras.

Fredric Jameson é um dos autores que nos ajuda a compreender a dimensão que o cultural representa hoje. Para o autor, mais que uma possibilidade, a relação entre a cultura e o desenvolvimento econômico se tornou uma característica do capitalismo tardio.

Em uma era anterior, a arte era uma esfera além da mercantilização, na qual uma certa liberdade ainda era possível; no modernismo tardio, no ensaio de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural, ainda havia zonas de arte isentas da mercantilização e da cultura comercial (para eles, essencialmente Hollywood). Por certo, o que caracteriza a pós-modernidade na área cultural é a supressão de tudo o que havia de exterior à cultura comercial (JAMESON, 2006: 216).

Acreditando, assim como Eagleton, que “são os interesses políticos que, geralmente, governam os culturais” (EAGLETON, 2005: 18), nossa perspectiva é a de uma cultura comum, “aquela que é continuamente refeita e redefinida pela prática coletiva de seus membros, e não aquela na qual valores criados pelos poucos são depois assumidos e vividos passivamente por muitos” (Idem: 169).

Nas palavras de Williams:

Devemos planejar o que pode ser planejado, de acordo com a decisão comum. Mas no que diz respeito à cultura, a atitude certa será a que nos lembre que uma cultura é, por essência, insuscetível de planejamento. Devemos assegurar os meios de vida e os meios da comunidade constituir-se. Mas o que será a vivência, com base em tais meios, não podemos conhecer nem traduzir. A ideia de cultura apoia-se numa metáfora: o velar pelo crescimento natural. E sem dúvida no crescimento, como fato e metáfora, que se deve colocar a ênfase final (WILLIAMS, 1969:343).

Nessa perspectiva acreditamos haver uma tensão entre aqueles que produzem cultura (no caso desse estudo, os músicos) e aqueles que investem na cultura como um empreendimento capitalista de geração de lucro e geração de mais valia. É por este viés que este estudo justifica-se.

3. O caso dos músicos profissionais vinculados ao SindMusi

O Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro (SindMusi) é uma entidade criada em 1907, inicialmente como Centro Musical do Rio de Janeiro. Hoje conta com 9.833 músicos cadastrados, dentre esses 3.255 ativos¹. Na atual fase da pesquisa, estamos elaborando um questionário que conta até o momento com 37 questões definidas e outras ainda em elaboração, esperando-se o envio de no máximo 50 questões. As questões foram divididas em três grupos: 1) Sobre a situação do trabalhador na área da música; 2) Sobre o trabalho em casas de shows; e 3) Sobre atividade docente.

O primeiro grupo trata de questões mais gerais sobre a atividade profissional do músico, como, por exemplo, da carga horária semanal de trabalho, da remuneração, das relações com seus empregadores e de previsões para sua aposentadoria. O segundo grupo é mais específico, se dirigindo a músicos que trabalham em casas de shows. O terceiro grupo é destinado aos músicos que atuam como professores, em qualquer tipo de instituição, estabelecimento ou de forma autônoma. Esse grupo busca compreender como a atividade docente se estabelece em seu cotidiano profissional e se a remuneração desta atividade se sobrepõe aos ganhos através de outras atividades da área musical.

De forma geral, espera-se chegar a um resultado que nos aponte para uma possível precarização das condições de trabalho do músico, buscando observar se dados e análises obtidas a partir de uma pesquisa quantitativa corroboraria, ou não, com as análises realizadas através de pesquisa qualitativa (que foi o caso da pesquisa relatada na primeira parte deste texto)².

Os dados que temos até o momento nos levam a concluir que a atividade profissional do músico exige uma flexibilidade que o permita atuar em diversos setores da

cadeia produtiva. Isso porque o trabalho é sazonal, a não ser para aqueles que têm na atividade docente a forma mais segura e regular para a sua remuneração. As duplas ou triplas jornadas de trabalho são frequentes e o preço pago pelo trabalho do músico, assim como as formas de contratação e remuneração, é estipulado pelo empregador segundo seus próprios critérios. As relações de trabalho se apresentam de forma precarizada, tanto por seu caráter informal quanto pelo trabalho não pago, “já que o trabalho musical é habitualmente visto como aquele que se dá apenas no momento da apresentação ao vivo” (REQUIÃO, 2010: 229). Nesse contexto, a identidade profissional do músico fica diluída frente à instabilidade da profissão e às inúmeras atividades profissionais que exercem, o que os leva a um sentimento de não pertencimento a uma classe trabalhadora.

Segundo Marx “é produtivo o trabalho que gera diretamente mais-valia, isto é, que valoriza o capital” (MARX, 1975: 93). Assim, o que caracteriza o trabalho ser produtivo ou improdutivo não é o conteúdo do trabalho, mas sim as relações de produção, ou seja, se o trabalho gera ou não mais valia. Através dos estudos realizados, e mesmo das etapas ainda em andamento, podemos constatar que o trabalho do músico é produtivo ao capital, na medida em que

todas as formas de relação de trabalho encontradas, sendo elas legalizadas ou não, a exploração da força de trabalho do músico se perpetua amparada por um regime econômico que permite ao capitalista adequar tais relações de trabalho da forma que lhe assegure e amplie a sua margem de lucro - objetivo final de qualquer empreendimento capitalista. A exploração da força de trabalho se dá através de mecanismos criados pelos empregadores que, ao possuírem os meios de produção, detêm o controle da produção, da determinação do preço pago pela força de trabalho e da forma de pagamento, entre outros (REQUIÃO, 2010: 229).

Nesse sentido, entendemos necessário o debate em torno da música popular no meio acadêmico, não somente enquanto um fenômeno musical/cultural em si, mas também como um bem cultural produzido em determinadas condições históricas, que acarretam em determinados processos de produção e determinadas relações de trabalho às quais o músico é submetido.

Referências:

- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- FIRJAN. *Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil*. 2014.
- JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- KOSIK, Karel. *A dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.



MARX, Karl. Para a crítica da economia política. In: GIANNOTTI, José Arthur (Org.) *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.101-257.

_____. *Capítulo inédito D'o Capital*: resultado do processo de produção imediato. Porto: Publicações Escorpião, 1975.

_____. Questionário de 1880. In: *Reviste Socialiste*. Paris, 1880.

REQUIÃO, Luciana. “*Eis aí a Lapa...*”: processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa. São Paulo: Annablume, 2010.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). *Políticas culturais para o desenvolvimento*: uma base de dados para a cultura. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

¹ Dados fornecidos pela secretaria do SindMusi em janeiro de 2015.

² Está previsto o envio do questionário no mês de junho de 2015.